
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

SILMARA DAIANA DOS SANTOS

**IMAGENS PARA DES-FOCAR: POSSIBILIDADES
DE INFÂNCIAS OUTRAS**



Rio Claro
2012

SILMARA DAIANA DOS SANTOS

IMAGENS PARA DES-FOCAR: POSSIBILIDADES DE
INFÂNCIAS OUTRAS

Orientador: PROF.DR. CÉSAR PEREIRA LEITE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau
de Licenciado em Pedagogia.

Rio Claro
2012

155.4 Santos, Silmara Daiana dos
S237i Imagens para desfocar: possibilidades de infâncias outras /
Silmara Daiana dos Santos. - Rio Claro : [s.n.], 2012
58 f. : il., fots.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia)
- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de
Rio Claro

Orientador: César Donizetti Pereira Leite

1. Psicologia infantil. 2. Educação e arte. 3. Infância. 4.
Imagem. 5. Experiência. I. Título.

Dedico este trabalho,

*ao meu amigo Breno. O vi pela primeira vez no refeitório da escola. O
menino especial de pele clara, vestido com roupas de frio.
Estava sozinho, pensando sozinho, brincando sozinho, tentando sozinho,
sendo curioso sozinho.
Então fui agraciada, ele me deu a mão e juntos descobrimos a magia do
sol.*

AGRADECIMENTOS

Deus:

Simplesmente por ser Deus, fazer-se presente em mim e me amar incondicionalmente.

Aos meus queridos pais:

José dos Santos e Edith Suely Oliveira dos Santos, pela dedicação, entrega e desdobramento que tiveram comigo desde que fui gerada até hoje. Por terem aberto mão dos próprios sonhos em função dos meus e acreditarem que seria possível. E agradeço principalmente por tudo que me ensinaram com tanto amor. São minha base e exemplo.

Aos meus companheiros de vida:

Gilmara Danieli dos Santos- querida irmã que durante meu percurso sempre esteve a disposição para me ajudar, me apoiar e até puxar a orelha quando preciso.

Robson Ferreira Marreiro- amigo irmão, meu pronto socorro.

João Batista Antunes de Souza- irmão amigo e principal incentivador.

Aos mestres:

Prof. Dr. César D. Pereira Leite – vezes orientador, vezes amigo, vezes espelho, vezes coelho branco de olhos vermelhos, o disparador para o inesperado. Pela confiança, humildade, palavras e silêncios.

Todos os professores que passaram por mim durante o curso, cada um trazendo sua marca.

Aos amigos:

Luana – pequena no tamanho e grande na potência, personificação da amiga infância. Ajudadora.

Ana Paula, Mayara, Marina, Leci Junior e Dayana- Pelos impagáveis momentos de alegria, risos, conversas, fofocas, brigas. Os belos trabalhos que fizemos juntas. Pela amizade.

Amanda, Sonia, Bruna, Raquel, Helen, Juliana Bastida, Cristiane, Camila Valério, Rebeca e Priscila- Pelas conversas, risadas, conselhos e carinho.

Joseano Moncaio- Pela música, sabedoria e paz. Amigo mestre.

Fabiano da Rocha- Pela jovem velhice, experiência e compartilhamentos.
Mestre amigo.

Ao grupo I-mago – Laboratório da Imagem, Experiência e Cri[ati]vidade-Pelo acolhimento, reflexões, experiências, produções, amizades, memórias...

As crianças: as que participaram dos projetos, as dos estágios, as da minha vida, as do mundo...

(...)Mas não, mas não

O sonho é meu e eu sonho que

Deve ter alamedas verdes

A cidade dos meus amores

E, quem dera, os moradores

E o prefeito e os varredores

Fossem somente crianças

Deve ter alamedas verdes

A cidade dos meus amores

E, quem dera, os moradores

E o prefeito e os varredores

E os pintores e os vendedores

As senhoras e os senhores

E os guardas e os inspetores

Fossem somente crianças.

(Chico Buarque)

**A infância não vai do nascimento até certa idade, e a certa altura a
criança está crescida, deixando de lado as coisas de criança.**

A infância é o reino onde ninguém morre.

Edna St. Vincent Millay

RESUMO

No contexto de meu envolvimento em três projetos de pesquisa, que objetiva uma reflexão em torno dos processos de produção imagética de/e com crianças, muitas questões no tocante aos modos de conceber a infância aparecem. A criança, pelas imagens, nos apresentam um mundo recortado por olhares rápidos, que produzem imagens nem sempre exatas e nítidas, sendo assim, no percurso das pesquisas, há imagens que chamam atenção por aquilo que nelas pode ser diferente, produzindo outros sentidos, sentidos outros. No contexto de produção de diversas imagens realizadas pelas crianças envolvidas na pesquisa, este trabalho objetiva refletir sobre o conceito de infância, partindo do que emerge das imagens que aqui chamaremos de 'imagens desfocadas'. Para um fotógrafo criar uma imagem com a intensidade de movimento apresentada nas 'imagens desfocadas' das crianças, existem inúmeras técnicas: câmeras especializadas, *photoshops*. Apesar disto, o que verificamos com as crianças, é que estas só precisaram do movimento do corpo, do clicar do botão e o desejo de brincar para produzir tais imagens. Pensando nessa questão, vemos que, ao passo que a sociedade nos molda, vamos nos "desinfantilizando" e perdemos a "capacidade" de nos movimentar a ponto de apropriar-nos de recursos tecnológicos para substituir o que poderíamos fazer no movimentado corpo. Neste contexto, conjecturar os conceitos de infância a partir dessas 'imagens desfocadas', pode criar caminhos para pensar possibilidades de uma educação 'do olhar' e a necessidade de uma pedagogia menor, "infantilizada".

Palavras- chave: Infância. Imagem. Experiência.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO-----	8
1.1 Na terra dos estáticos o Coelho faz estória-----	9
1.2 Re- introdução-----	14
2. EXPERIÊNCIA-----	19
2.1 Vozes experiência, experiência vozes-----	20
2.2 Dos retalhos... -----	24
3. INFÂNCIA, CORPO E POTÊNCIA-----	31
3.1 Infância-----	31
3.2 Crianças Luzes-----	32
3.3 (parêntese) da incompletude humana... -----	33
3.4 Infância Potência-----	35
3.5 Como estrelas na terra: o corpo adoecido da retirada da potencia---	37
4. IMAGENS PARA DES-FOCAR: ENTRE CORES, POEMAS E MÚSICA-	47
NÃO TENHO CONCLUSÕES, TENHO POÉTICA...-----	54
REFEÊNCIAS-----	56

1. INTRODUÇÃO



Através da lente, um “click” abre-se um mundo. Mundo experiência. Mundo infante. Mundo potência. Mundo des-foque.

1.1 Na terra dos estáticos o coelho faz estória.

Imperiosa,Prima estabelece:

“Começar já”; enquanto Secunda,

Mais brandamente , encarece:

“Que não tenha pé, nem cabeça!”

E Teria um rol de palpites oferece,

Mas só um a cada minuto.

Depois, por súbito silêncio tomadas,

Vão em fantasia perseguindo

A criança-sonho em sua jornada

Por uma terra nova e encantada,

A tagarelar com bichos pela estrada

- Ouvem crédulas, extasiadas.

E sempre que a história esgotava

Os poços de fantasia,

E debilmente eu ousava insinuar,

Na busca de o encanto quebrar:

“O resto, para depois...” “Mas já é depois!”

Ouvia as três vozes alegres a gritar.

Foi assim, bem de vagar,

O País das Maravilhas foi urdido.

Um episódio vindo a outro se ligar-

E agora a história está pronta...

(CARROLL,2009).

Que me desculpem os cientistas que esperavam encontrar um texto metódico cheio de informações para satisfazer o ego adulto racional, ou os que esperavam um texto que apresentasse uma análise detalhada sobre educação. Eu também esperava produzir esse tipo de escrita e permanecer no país estático da pesquisa científica, sem me envolver, olhando de cima, sobrevoando. Aliás, o pronome “eu” já se coloca como ousadia, pois na *verdade* “eu” não deveria aparecer.

Impossível!

O fato é que encontrei (ou ele me encontrou?) o coelho. Sim aquele coelho branco de olhos cor-de-rosa que passou correndo na frente de Alice aquela menina levada, inquieta e sapeca, potente de criatividade, de movimento, olhos aptos a olhar o que ninguém conseguiu, de seguir pra um lugar onde só ela conseguiu ir.

Não pude permanecer no lugar, mesmo não sabendo para onde iria, ou onde iria chegar, segui o coelho. Ele não precisou falar (de início) nada para me chamar atenção, na terra dos estáticos alguma coisa não me agradava, nada passava nada diferente se via, e então quando o coelho me apareceu correndo tive que segui-lo. Enganam-se quem pensa que segui-lo foi fácil.

Fazer parte do país estático era fácil, seguro, vivia em estado pleno de repouso, não havia curvas por lá, e então no momento em que o coelho me apareceu e decidi segui-lo um grande obstáculo surgiu. Como me movimentar? Como correr? O que deveria fazer para descer do repouso e correr junto ao coelho? Então me lembrei das pernas. Sim eu tinha pernas! Foi quando essa percepção me ocorreu que aconteceu o grande caos e eu CAI

cai,

cai,

cai....

[...] Alice não teve um segundo para pensar em parar antes de se ver despencando num poço muito fundo.

Ou o poço era muito fundo, ou ela caiu muito devagar, porque enquanto caía teve tempo de sobra para olhar à sua volta e imaginar o que iria acontecer em seguida (CARROLL,2009,p-14).

Foi desesperador me mover assim depois de um período longo de sobrevôo seguro, nem lembrava que tinha pernas, mas não estava caindo dentro de um poço como Alice e também não sabia onde estava caindo. Não tinha como voltar. Não sei como sai do lugar comum em que estava a não ser que a motivação foi achar minhas pernas. Senti medo. Alice não sentiu. Mas onde eu iria chegar? No País das Maravilhas? “Certamente que não”, pensei eu, em um tom humorado, que tomara conta de mim sem que eu percebesse. O humor não me era permitido no país dos estáticos, mas eu não estava em lugar nenhum, estava? Avistei o coelho e, ora, ele ria deliciosamente. E então ouvi:

Talvez para me justificar a mim mesmo. As cerimônias, medidas e seriedades da vida acadêmica continuam a me assombrar. E preciso de aliados.

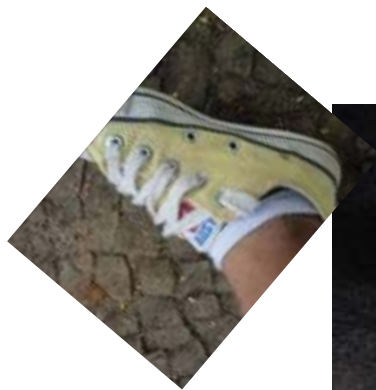
Invoco o riso daqueles que perceberam o ridículo da seriedade. O riso é o lado de trás e de baixo, escondido, vergonha das máscaras sérias: nádegas desnudas de faces solenes.

É só por isto que ele tem uma função filosófica e moral. O riso obriga o corpo à honestidade. Rimos sem querer, contra a vontade. Ele nos possui e faz o corpo inteiro sacudir de honestidade, como demônio brincalhão, Exu... (ALVES, 1980, p-8)

Não sei se essa era a voz do coelho, mas era alguém contando histórias, estabelecendo conversas, talvez alguém que tivesse vindo do país dos estáticos, mobilizado por um coelho. Suas palavras traduziam o que eu sentia.

Romperam-se os limites que separavam o país dos estáticos e... Onde mesmo? O reino do riso? Não sabia. Eu estava sentindo. Sentir não me era permitido lá, agora eu sentia e foi então que vi a estrada do lado de dentro. Era isso. Eu estava na estrada e os pés e pernas me permitiam caminhar.

Um portal encontra-se no começo de um longo caminho que conduz montanha abaixo à casa de..., que eu visitava todas as noites. Quando ela se mudou, abertura da arca do portal fazia de agora em diante à minha frente, como um concha de orelha que perdeu audição. (BENJAMIN, 1995, p.16).



E foi caminhando, me colocando em movimento, lançando-me no desconhecido mundo do coelho branco, me deixando estar infante é que encontrei no percurso possibilidades de experiências outras, vozes outras, crianças que me causaram risos, náusea, vertigem... Produziram imagens. Imagens potentes que me trazem até aqui, imagens dê-formes, imagens des-foque, imagens riscos, rabiscos, imagens telas, imagens cores, borrões, imagens chão, imagens marcas. Marcas da infância. Infâncias. Possibilidades de infâncias outras.

Alice (Zélia Barros Moraes)

Atrás de um coelho, Alice seguiu...

Num poço bem fundo Alice caiu.

Lá vai Alicinha rolando, rolando,

No fundo do poço vai quase chegando.

Chegou Alicinha, chegou e o que viu

Foi o coelhinho que logo fugiu.

Um bolo encantado que Alice comeu,

Coitada de Alice cresceu e cresceu

Depois é uma água que bebe a garota

Pequena ela fica menor que uma gota

Tudo isso crianças foi sonho de ALICE

Teria outra história se Alice dormisse...

1.2 Re- Introdução

Eu não amava que botassem data na minha existência. A gente usava mais era encher o tempo. Nossa data maior era o quando. O quando mandava em nós. A gente era o que quisesse ser só usando esse advérbio. Assim, por exemplo: tem hora que eu sou quando uma árvore e podia apreciar melhor os passarinhos. Ou tem hora que eu sou quando uma pedra. E sendo uma pedra eu posso conviver com os lagartos e os musgos. Assim: tem hora eu sou quando um rio. E as garças me beijam e me abençoam. Essa era uma teoria que a gente inventava nas tardes. Hoje eu estou quando infante. Eu resolvi voltar quando infante por um gosto de voltar. Como quem aprecia de ir às origens de uma coisa ou de um ser. Então agora eu estou quando infante. (BARROS, 2008 p. 113)

O recorte citado faz parte da obra *Memórias Inventadas* de Manoel de Barros, poeta brasileiro que, nessa obra, faz uma autobiografia *inventando memórias* de infâncias outras através da poesia. Infâncias outras que revelam o mundo através dos olhos infantes, a cisão entre o eu-do-passado e o eu-do-presente. A memória revela imagens, e essas imagens revelam muito além dos fatos, elas desvelam valores, mas também criam valores, criam mundos. Nesse forjar de valores, são ressaltadas as imagens que se deseja ver. Tomando como protagonista essa infância outra que revela, desvela, produz imagens inexistentes, existentes, foca, des-foca. É. Não é. Será. O presente trabalho se configura como um convite a olhar a infância através desse

[...] mundo que possui sua própria lógica, mundo esvaziado da lógica adulta que sempre se impõe sobre o mundo da criança, mas um mundo que não 'se organiza' não "se arruma" em referências dadas antes de uma lógica já dada, mas 'lógicas de outros tempos e outras razões', um mundo inseguro e irascível (LEITE, 2010 p.171).

Esse mundo me foi apresentado através das experiências vividas em três projetos de pesquisa com o grupo I-mago – Laboratório da Imagem,

Experiência e Cri[@]ção¹: *"Ação, câmera, luz: entre imagens e olhares – experiência de infâncias e montagens"*², *"Possibilidades e acontecimentos a partir de experiências de infâncias e imagens – recortes para um trabalho com professores"*³ e mais recentemente iniciamos o projeto e *Infância, "Pesquisa e Experiência: Reflexões e olhares para o Desenvolvimento Infantil a partir de produções imagéticas de professores e crianças"*⁴.

O primeiro, tendo como objetivo discutir os modos de produção de subjetividade, a partir dos modos de produção de sentido pela imagem e pela montagem de enredos e narrativas apresentados nas produções imagéticas oriundas dos exercícios de olhar das crianças através de suas filmagens e fotografias. O segundo propunha juntamente com os professores, refletir e produzir possibilidades de sentidos e olhares a partir das imagens criadas por crianças. Nesta proposta também se sugeria que os professores produzissem imagens, tanto no espaço do próprio curso, no universo escolar, como fora dele. O terceiro iniciou-se em maio deste ano tendo como principal objetivo refletir sobre as possibilidades que as imagens e as produções imagéticas realizadas por crianças e professores/monitores de creche, no contexto das práticas educativas, oferecem para construção de caminhos e para reflexões a

¹ O I-mago: Laboratório da Imagem, Experiência e Cri[@]ção é um grupo de estudos e pesquisas que surgiu com o intuito de somar os esforços investigativos ao GEP - Linguagens, Experiência e Formação . O termo I-mago possui sua origem no latim e quer dizer Imagem, que nos auxilia a refletir sobre processos de produção de subjetividades na cultura contemporânea. O termo "mago" também nos remete a magia ou a quem faz a magia, o que se relaciona intrinsecamente as reflexões suscitadas pelo grupo referentes à busca por linhas de fuga frente às formas de controle exercidas na atualidade. Por Experiência entendemos como o que nos toca, o que nos passa, a um acontecimento. Os Colchetes - [] - e a Arroba - @ de Criação relaciona imagem ao recorte, enquadramento de algo que, é maior ou mais amplo: a 'experiência' propriamente dita, por exemplo. E é a partir desse recorte ou do trato que se dá a ele que 'novas' possibilidades de apreensão, subjetivação, experimentação, sensação e profanação podem ocorrer. Diante disso, os estudos de Walter Benjamin, Gilles Deleuze, Michel Foucault, Michel de Certeau, Jacques Rancière, Jorge Larrosa e Giorgio Agamben, entre outros, apresentam grande importância para nossos caminhos e des-caminhos investigativos. Orientado pelo Profº Drº César Donizetti Pereira Leite.

² *"Ação, câmera, luz: entre imagens e olhares – experiência de infâncias e montagens"* FAPESP Pesquisa Regular – 2009/08359-2 e CNPQ – 400594/2009-9 Departamento de Educação - Instituto de Biociências – UNESP Rio Claro. 2009-2011.

³ *"Possibilidades e acontecimentos a partir de experiências de infâncias e imagens – recortes para um trabalho com professores."* PROEXT -Departamento de Educação - Instituto de Biociências – UNESP Rio Claro. 2010-2012

⁴ *"Pesquisa e Experiência: Reflexões e olhares para o Desenvolvimento Infantil a partir de produções imagéticas de professores e crianças"*⁴. FAPESP Pesquisa Regular – 2009/08359-2 e CNPQ – 400594/2009-9 Departamento de Educação - Instituto de Biociências – UNESP Rio Claro. 2012 em andamento.

cerca dos processos de desenvolvimento infantil e das práticas educativas do professor.

Durante todo percurso dentro desses projetos surgem reflexões a partir de alguns temas emergentes no estudo: “Infância e chão”; “Infância e vertigem”, “Infância e montagem”, “Imagens e desfoque”. “Pesquisa científica enquanto experiência” e “Escrita em fragmentos” desvelando assim, um caminho vasto de descobertas e surpresas.

Proponho criar um olhar mais específico em algumas imagens produzidas pelas crianças, imagens que chamaremos de “imagens desfocadas”. No percurso do projeto fez-se necessário, olhar para essas imagens. Então, foram nas “imagens desfocadas” que, perdendo o foco dos caminhos experiências das pesquisas encontrei possibilidades de reflexão acerca da infância. Assim, no tocante dessas reflexões surgem indagações que permitem os capítulos que compõem este trabalho:

- Que possibilidades podemos encontrar nas des-razões da infância?
- Que movimento é esse explicitado nessas imagens?
- O que a infância tem a nos dizer?

O conceito de infância vem se modificando ao longo da história, e a cada vez é conferido uma designação e uma referência diferente para a criança.

A idéia de infância, como se pode concluir, não existiu sempre, e nem da mesma maneira. Ao contrário, ela aparece com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudam a inserção e o papel social da criança na comunidade. Se, na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto (“de adulto”) assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura. Este conceito de infância é, pois, determinado historicamente pela modificação das formas de organização da sociedade. (KRAMER, 1995, p. 19)

Segundo Lajolo (2001) a infância como objeto de pesquisa é sempre *um outro* em relação aquele que a nomeia e a estuda. “As palavras *infante*, *infância* e demais cognatos, em sua origem latina e nas línguas aí derivadas recobrem um campo semântico estreitamente ligado à ideia de *ausência de fala*” (LAJOLO, 2001, p. 229). Assim, o silêncio que se aloja na noção de infância insiste em marcá-la quando ela se transforma em material de estudo ou legislação.

Assim por não falar, a infância *não se fala* e, *não se falando*, não ocupa a primeira pessoa nos discursos que dela se ocupam. E, jamais assumir o lugar de sujeito do discurso, e, conseqüentemente, por consistir sempre um *ele/ela* nos discursos alheios, a infância é sempre definida *de fora* (LAJOLO, 2001, p.229).

Em um contexto mais próximo de nós, das áreas do conhecimento que se apropriam da noção de infância, talvez a biologia, a psicanálise e a *pedagogia* sejam as que mais se dispõe a essa complexa questão: o que é a infância?

Para Gagnebin (1997) a origem daquilo que liga Filosofia e Educação está na antiguidade, pois a reflexão filosófica e a pedagógica nascem juntas, porque é em redor da questão da Paidéia que se constitui o primeiro ‘sistema’ que se autodenomina de ‘filosófico’, o pensamento de Platão.

A visão platônica da infância se enquadra, então, em uma análise educativa com intencionalidades políticas. (...) A infância é um problema filosoficamente relevante enquanto se tenha de educá-la de maneira específica para possibilitar que a polis atual se aproxime o mais possível da normatizada.(KOHAN, 2003, p.28).

As reflexões da Filosofia da educação sugerem que, de alguma forma a educação se relaciona com uma reforma do espírito, que não sendo dado de forma completa e acabada deve ser completado, formado, a educação então estaria ligada, a partir destes acenos ao movimento de tirar a criança da

monstruosidade da infância e levá-la à uma completude do espírito, esta completude ligada a vida adulta e a construção da razão.

Deste modo chegamos à noção do devir, de vermos a criança como o ser inacabado, ou em processo de formação. Assim o adulto é o dono da razão, um ser pronto, acabado, formado.

Leite (2007) aponta que

Se a criança é vista como um ser incompleto, em formação, conseqüentemente o adulto é entendido como um ser completo, pronto. Os desdobramentos dessa questão trazem complicação na relação entre adulto e criança. (p.51)

Sendo assim, a relação de poder estabelecida entre a noção de infância ligada à criança e adulto aparecem reproduzidas nas práticas educativas. Educar então é arrancar a criança da infância e trazer para o mundo da razão, formar, tornar em um ser pronto. E ainda que as concepções de infância tenham se modificado com a sociedade e os modos de se relacionar com as crianças tenham se aprimorado, os indícios conflituosos de relação de poder entre adulto (razão) e infância (sem fala) ainda são fortes

O fato é que essas situações todas, ao mesmo tempo em que nos deixam atônitos diante de suas diferentes solicitações, nos colocam diante de uma realidade que grita aos nossos ouvidos e explicita aos nossos olhos as profundas mudanças pelas quais temos passado. Na verdade, se podemos acompanhar a idéia da filosofia moderna do fim da subjetividade na modernidade, pautada na supremacia do cogito, e se podemos entender o surgimento de uma nova visão de sujeito e de sua constituição, os antagonismos e ambivalência em relação à infância mais podem nos ensinar do que paralisar, pois eles nos indicam inevitavelmente uma nova noção de infância e um novo modo de pensar para e na relação com a criança. (LEITE, 2007, p.24-25)

No contexto da relação entre razão /infante, adulto/criança, surge a necessidade de pensarmos possibilidades de um olhar outro para a educação, um olhar infantil para uma educação 'do olhar'. Trabalhando com o que insurge das experiências imagéticas das crianças. Imagens, que apresentam cores, formas, texturas, combinações, que são descobertas pelo olhar, movimentando assim nosso pensamento, ao mesmo tempo em que desmaterializa nossa razão. Uma vez que a foto e/ou a filmagem possuem magia, segredos, das quais as palavras por si só não conseguem desvendar. Torna-se necessário fazer-se criança (estando infante) para refletir, mesmo que apenas partes desconexas, as imagens que compõem nosso viver, nossa experiência. Experiência des-focada.

2. EXPERIÊNCIA

Caminhos, percursos, marcas é o que encontramos ao estarmos imersos no mundo da infância. Assim, pesquisar com crianças é experimentar em outro espaço-tempo, é perder a certeza dos caminhos previstos e seguros, é ser convocado pela força daquilo que passa. Durante esse percurso com as crianças produzindo imagens nos vimos mergulhados em novas possibilidades, novos olhares.

É estando submerso nesse mundo dêsfocado que este capítulo trata dos conceitos de experiências a partir de algumas vozes que invoco para serem testemunhas do que se passou em meu olhar de Alice pesquisadora quando as imagens, que chamo des -focadas, se tornaram experiência.

Trago então a voz de Leite (2011) que grita no início de seu texto a idéia de experiência como ensaio, como “prova”, como degustar.

Assim, ensaiar pensado como prova, como experiência é uma forma de degustar. A degustação como prova é na maior parte das vezes experimentar aquilo que ainda não está pronto, para poder, entre outras coisas, dizer o que falta, como se apresenta o tempero. Nas degustações, sentimos cheiro, textura, paladar, temperatura, então colocamos à prova aquilo que ainda não se concluiu, ainda não é. Aquilo que está se fazendo, aquilo que poderá vir a ser. (p-09)

Estar aberto para perceber o que no percurso nos toca, nos acontece, nos marca é estar apto a degustar, a experienciar. As produções imagéticas das crianças nos instigam a degustar usando todos os sentidos “experimentativos” do ser pesquisador. E na perspectiva do degustar a voz de Lyotard ensina que, *por que a infância não é humanidade completa e acabada, é por que a infância é, in-humana, que talvez, ela nos indique o que há de mais verdadeiro no pensamento humano: a saber, sua incompletude* (Gagnebin, 1997p. 99). Desta forma, a infância revela para nós o que somos e o que a todo custo tentamos esconder: seres incompletos e inacabados. “Seres “degustativos”, seres ensaios”.

2.1 Vozes experiências, experiências vozes.

Vozes

(João Suplicy)

Tem vozes que dizem que sim

Tem vozes que dizem que não

Tem vozes que não dizem nada, nada, nada, nada não

Tem voz que pensa para falar

Tem voz que fala por dizer

Tem voz que sabe agradar

Outra que escapa sem querer

Eu quero ver eu quero ver

Qual é a voz que vai ficar

No embaralho da cabeça

Tem a voz que veio para te encorajar

Tem a voz que veio para te derrubar

Tem aquela que só quer te consumir

Tem a voz que não te deixa mais dormir

A voz é rouca
 No pé do seu ouvido a voz é outra
 Eêêê, a voz é rouca
 No pé do seu ouvido a voz é louca

Tem voz que sabe divertir
 Tem voz que sabe liberar
 Tem voz que vem te confundir

Qual a voz que você deve escutar
 Quando pensa que tem voz para decidir
 Já vem outra e toma logo seu lugar
 Tem a voz que você gosta de ouvir

A voz é rouca
 No pé do seu ouvido a voz é outra
 Eêêê, a voz é rouca
 No pé do seu ouvido a voz é louca, louca

Para a palavra experiência foram atribuídos inúmeros significados no transcorrer do tempo, instigados por esse tema vasto e tão abstrato alguns estudiosos dedicaram parte de suas obras em busca da resposta a pergunta: o que é experiência. Dentre esses estudiosos temos Benjamin, Larrosa e Agambem que invoco como minhas testemunhas, então convido o caro leitor, para juntos ouvi-los conjecturar o conceito que aqui se propõe.

Para Larrosa,

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça (LARROSA, 2002. p-26).

A experiência alcança o sensível produzindo assim sentidos sendo capaz de deixar marcas que não se apagam com o tempo. Experiência então

se configura como o que nos acontece. São pedaços que se juntam a nossa pele, desenhos que vão se tatuando e constituindo nossa subjetividade. Na voz de Agambem:

A experiência, se ocorre espontaneamente, chama-se acaso, se deliberadamente buscada, recebe o nome de experimento. Mas a experiência comum não é mais que uma vassoura desmantelada, um proceder tateante como o de quem perambulasse à noite na esperança de atinar com a estrada certa, enquanto seria mais útil e prudente esperar pelo dia ou acender o lume, e só então pôr-se a caminho (AGAMBEN, 2005, p.25).

No entanto, no cenário que a modernidade apresenta não há espaço para se viver a experiência em sua real essência, já que encontramos um distanciamento do ser (verbo) humano, do campo do sensível, do compartilhar de olhares, da contemplação da vida. *“Estamos pobres em experiências, pois já não nos preocupamos em passar adiante tudo aquilo que nos torna humanos que, certamente, não estão ligados a títulos, bens materiais...”* (VALE p.8)

Benjamim, em seu texto experiência e pobreza vêm nos dizer sobre como a humanidade foi perdendo a capacidade de ter e transmitir experiências. Sutilmente, usando a literatura, a arte e as narrativas que, se colocam como disparadores da problemática do culto ao homem moderno. Culto que acabou desumanizando o próprio homem.

“Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com sua loquacidade, em histórias; muitas vezes com narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos” (BENJAMIM, 1994 p.114).

Agambem dialoga com Benjamim, concordando com a extinção da experiência.

“Todo discurso sobre a experiência deve partir atualmente da constatação de que ela não é mais algo que ainda nos seja dado fazer. Pois, assim como foi privado da sua biografia, o homem contemporâneo foi expropriado de sua experiência: aliás, a incapacidade de fazer e transmitir experiências talvez seja um dos

poucos dados certos de que disponha sobre si mesmo” (AGAMBEM p.21).

“É está incapacidade de traduzir-se em experiência que torna hoje insuportável – como em momento algum no passado – a existência cotidiana, e não uma pretensa má qualidade ou insignificância da vida contemporânea confrontada com o passado (aliás, talvez jamais como hoje a existência cotidiana tenha sido tão rica de eventos significativos)” (AGAMBEM p.22).

Essas vozes ecoam em nós como alerta de que estamos deixando de viver experiências por estarmos impregnados de “trambolhos” sociais deixando nossa humanidade sensível, tátil, perceptiva. As experiências nos escapam a medida que deixamos de sentir as situações, em que nos fechamos aos acontecimentos, a medida em que aceitamos estar no mundo estáticos, seguindo em linha reta, sendo moldados pela lógica capitalista. *“Deste modo, o fator tempo, na atualidade, é concebido a partir de seu valor de troca, como uma mercadoria, por isso um dos maiores medos que aterrorizam o homem moderno é a perda de tempo [...]”* (SILVA, 2011. p.30).

“Pobreza de experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda a experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso” (BENJAMIM p. 118).

Os homens modernos ‘devoram’ tudo e ficam saciados.

“‘Vocês estão todos cansados – e tudo porque não concentram todos os seus pensamentos num plano simples mas absolutamente grandioso.’ Ao cansaço segue-se o sonho, e não é raro que o sonho compense a tristeza e o desânimo do dia, realizando a existência inteiramente simples e absolutamente grandiosa que não pode ser realizada durante o dia, por falta de forças” (BENJAMIM p.118).

Carne

(Nuno Gerais)

Sejamos o lobo, o lobo do homem,
Nos diz contemporâneo Caetano.
Sejamos o lobo, o lobo do homem,
Nova-iorquino, paulistano...
Carioca, soteropolitano.
Os caducos manuscritos doutrinam:
Os índios são antropófagos.
Novos jornais publicam:
Os brancos matam a carne indígena.
Nós homens nus, nus na cama, deglutimos a carne humana.
Nós homens nus, nus na cama, deglutimos a carne humana.
Macho ou fêmea... Fêmea ou fêmea,
Macho ou macho... Rico ou pobre.
Deglutimos a carne humana...
Deglutimos a carne humana
A cama nova e velha mesa de jantar.
Pêlos e medos no ar, ao Deus dará.
Carne...Carne... Ossos, meus ódios, ossos.
Pêlos, selos, zelos, pêlos.

2.2 Dos retalhos...

Dos retalhos de luzes, cores, movimentos a câmera nas mãos de uma criança captura e compõe uma imagem e são desses mesmos retalhos que a vida vai se constituindo. É assim, que ao longo de nossa existência, vamos nos compondo, mergulhados em diferentes esperas de ambiente. Então,

“consideremos o que se passa em cada um desses ambientes, e não apenas não só no plano visível, o mais óbvio, mas também no invisível, igualmente real, embora menos óbvio.”(ROLNIK, 1993)

Quando ouvimos sobre experiência, constatamos que ela se compões das coisas simples, corriqueiras, sensíveis, nas trocas, são retalhos de vida que precisam ser reparados com delicadeza

Tais composições, a partir de um certo limiar, geram em nós, estados inéditos, inteiramente estranhos em relação aquilo de que é feita a consciência subjetiva de nossa atual figura.

Rompe-se assim o equilíbrio desta nossa atual figura, tremem seus contornos. Podemos dizer que a cada vez que isso acontece, é uma violência vivida por nosso corpo em sua forma atual, pois nos desestabilizam e nos coloca a exigência de criarmos um novo corpo- em nossa existência, em nosso modo de sentir, de pensar, de agir etc.- que venha encarnar este estado inédito que se faz em nós. E a cada vez que respondemos à exigência imposta por um desses estados, nos tornamos outros. (ROLNIK, 1993)

Para refletir então sobre os retalhos peço ajuda do cinema e trago a baila o filme “ Colcha de retalhos”(1995) que conta a história da jovem Finn (Winona Rider), que se refugia na casa da avó para terminar de escrever uma tese, enquanto seu apartamento está sendo reformado. Confusa em relação à sua decisão de casar-se, a jovem Finn acaba participando da história de sete mulheres, mais velhas, com quem ela passa a conviver. Essas mulheres estão envolvidas na elaboração de uma colcha de retalhos, com a qual pretendem presentear-la.

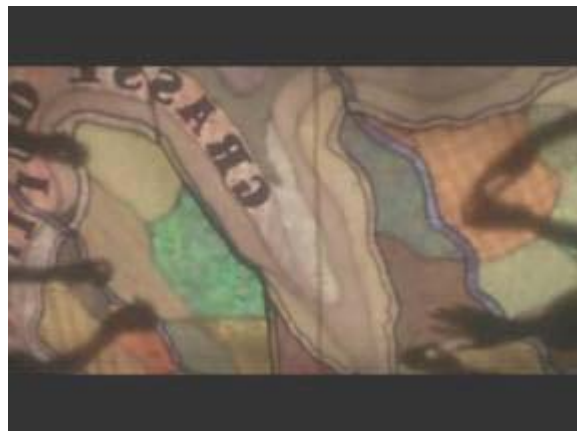
As mulheres que costuram junto essa colcha são amigas que se conhecem e se encontram há muitos anos. Muitas outras colchas já foram feitas, mas cada colcha é diferente da anterior; cada colcha tem sempre um tema diferente e a essa colcha, especificamente, elas dão o nome de “Onde reside o amor”. Ao longo do filme, enquanto compõe a colcha, cada uma das mulheres tem a oportunidade de contar um pouco sobre como viveram o amor em suas vidas. Ao relembrar suas histórias, cada uma delas também tem a

oportunidade de integrar suas experiências pessoais. As histórias são ricas em significação.

Deste filme separo três cenas importantes para discutir as marcas experiências que compõe a vida.

A primeira cena é a abertura do filme em que aparecem as ferramentas compondo mais uma colcha: a tesoura que retalha o tecido, a linha se desenrolando no compasso da máquina de costura que vai juntando os quadrados de tecido. A vida se desenrola aos poucos, em uma sequência, exatamente da mesma forma que o rolo de linha. E em baixo da mesa a menina olha para cima e vê a colcha sendo tecida num jogo de mãos que costuram e dão forma a colcha.





Temos aqui um olhar de alguém que está em um lugar diferente, lugar outro, a menina consegue ver de um ângulo diferente a composição que é olhada apenas de cima pelas mulheres que trabalham. Essa é uma percepção para pensarmos o lugar da infância diante da vida. Parece-me que a criança, deste outro lugar tem a potencialidade de encontrar brechas e linhas de fuga diante do que se passa por ela, e sem esforço algum, as marcas vão se fixando.

A segunda cena é uma conversa de Finn com Anne. Ao questionar sobre qual a lógica da construção da colcha. Anne foi empregada de uma das senhoras, porém na hora de construir a colcha é Anne quem comanda, pois dela vem a tradição de montar a vida em uma colcha de retalhos.

Anne: “O desafio de fazer uma colcha assim, é que cada quadrado é feito por mãos diferentes. Então eu tenho que juntar todos esses quadrados diferentes num desenho balanceado e harmonioso.”

Primeiro temos que encontrar um tema e para essa colcha em particular o tema vai ser: Onde reside o amor.

Finn: “ O que está dizendo é que harmonizando esses elementos diferentes está dando um tipo de continuidade na peça?”

Anne: “Não! O que eu estou dizendo é que eu não quero acabar com uma colcha horrorosa”

Essa cena nos remete ao texto de Benjamim a Doutrina das Semelhanças onde diz que *“um olhar lançado à esfera do ‘semelhante’ é de importância fundamental para a compreensão de grandes setores do saber oculto”* (p.108).

Temos então, nesta cena dois olhares diferentes. O de Finn que procura explicações complexas, análises complexas por estar carregada de informações não consegue se desprender do olhar rigoroso, pois está em um momento de escrita de sua tese. Larrosa deixa claro que *“a informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência”*. (p-21)

E o de Anne que olha para as partes diferentes, de pessoas distintas e tenta harmonizar simplesmente pelo saber que lhe passa do que é belo,

Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão. Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional. (LARROSA, 2002. p-26)

É o que mostra o trabalho de Anne, a lógica dela está ligada a paixão pelo que faz e então a estética das peças produzidas fazem um sentido tanto para ela, quanto para as mulheres que se juntam para a confecção das peças.



A ultima cena que destaco é a cena decisiva para o final. Durante todo o filme o que temos são retalhos de histórias sendo contadas, uma tese sendo construída e uma colcha sendo confeccionada. No entanto, nessa cena uma forte ventania toma conta da pequena cidade. Fazendo com que as folhas da tese voem com o vento. Levando-nos de forma simbólica a refletir que os sentimentos não se prendem a nada e que podem mudar de acordo com o movimento natural da vida. O vento nesta cena vem espalhar, porém parece que ao fim esse mesmo vento que parecia destruir junta todas as peças, as historias se juntam numa montagem nova e ao mesmo tempo retorna as marcas antigas em cada personagem.

Cada marca tem a potencialidade de voltar a reverberar quando atrai ou é atraída por ambientes onde encontra ressonância (aliás, muitas de nossas escolhas são determinadas por esta atração). Quando isto

acontece a marca se reatualiza no contexto de uma nova conexão, produzindo-se então uma nova diferença.

[...]O que o sujeito pode, é deixar-se estranhar pelas marcas que se fazem em seu corpo, é tentar criar sentido que permita sua existencialização - e quanto mais consegue fazê-lo, provavelmente maior é o grau de potencialidade com vida se afirma em sua existência. (ROLNIK, 1993)



E ao fim a colcha está montada para o início de outras colchas. É assim que se compõe a experiência, que nos toca, nos, marca, nos acontece.

É a composição das imagens das crianças que em segundos são captadas pelas câmeras, mas que deixam marcas, tocam, sensibilizam. E para falar sobre elas temos que estar abertos para sentir a potência de retalhos, de indícios que elas nos trazem. Retalhos *infantis*.



Colcha de retalhos



Retalhos *infantis*.

3. INFÂNCIA, CORPO E POTÊNCIA

3.1 Infância

Manoel por Manoel

Eu tenho um ermo enorme dentro do olho. Por motivo do ermo não fui um menino peralta. Agora tenho saudade do que não fui. Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na minha infância. Faço outro tipo de peraltagem. Quando era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão. Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo era um serzinho mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto.

Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores.

Manoel de Barros

“Compreender a infância como uma origem que, ao mesmo tempo, condiciona e possibilita a linguagem nos exige repensar o próprio conceito de origem. Porque a origem – a infância – não é um paraíso perdido, motivo de uma nostalgia sempre por se ressentir, mas o que permanece, latente, em potência, ao fundo da linguagem. A origem, já nos dizia Benjamin, não é a fonte, não é a gênese das coisas, mas ‘um turbilhão no rio do devir, e ela carrega em seu ritmo a matéria que está em vias de aparecer’”. (BRASIL, 2008)

3.2 Crianças Luzes

Estamos concebendo a criança como sujeito de nossas reflexões afinal, as imagens aqui discutidas são produzidas por crianças. É o momento de falarmos então do ser criança. De onde surge essa concepção de infância que temos hoje e como isso vem se constituindo social e historicamente.

É impossível dizer com precisão quando é que surge a idéia de criança, porém, tomando como principal fonte o texto de RENÉ (2009) “A invenção da infância: entre as Luzes e o Iluminismo, a criança”,

“[...]o século XVIII foi também o século que inventou a criança. A sociedade em que adultos e crianças se encontravam misturados [...], cede o lugar àquela – a nossa – em que a infância, cuidadosamente segregada, torna-se objeto específico de atenção no plano social [...]” (p. 17).

A criança passa a ocupar um lugar próprio diferente do adulto e a escola, por sua vez, vem para regular este lugar, assim como a literatura infantil; ela também passa a ser preocupação central da sociedade, pois se a criança é a promessa de um novo homem o futuro da sociedade depende de sua ‘educação’.

A infância começa a ser velada e ocupa um, espaço social, assim o adulto a sua volta cuidam de pensar o que as crianças devem, ou não devem fazer. E então faz-se necessário criar especificidades para responsáveis e professores lidar com essa faixa etária.

“Na invenção da infância, sublinha-se o papel significativo desempenhado tanto pelas obras relevantes – ou seja, os grandes tratados teóricos para o uso dos pais e dos professores -, quanto pelo surgimento, desde de 1750, de uma literatura infantil destinada especialmente às crianças” (RENÉ , 2009 p-18).

Surge aí, inúmeros autores, que hoje citamos, e inegavelmente foram eles educadores sociais. Mas para além desse aspecto formativo, surge também nessa época o sentimento da infância.

“Além desse aspecto racionalizando, pedagógico e normativo, a invenção da infância apresenta uma outra faceta, não menos interessante, que se abre para outros desdobramentos e se prolonga em direção a outras perspectiva. Ela desperta e alimenta um

sentimento da infância, de seu próprio valor, ultrapassando qualquer interesse e funcionalidade, que acabará tomando a forma de uma estética e de uma poesia, assim como de uma religião e de uma mística. Sentimento nascente de uma emoção *sui generis*, que a reflexão transformará em filosofia” (RENÈ , 2009 p-20).

A criança como o *outro* promissor do homem, aquele que ele ‘deixou de ser’. Isso gera um sentimento de comoção, não pela criança em si, mas pelo que ela nos representa.

“De fato, a criança desperta no homem uma nova virtude: a *inocência* da qual este se impregna ao manter contato com ela. Por intermédio dessa virtude, tudo o que parecia ignorância ou fraqueza ganha sentido e valor no que diz respeito à origem, antes da instituição da regra humana, seja ela Natureza, seja Espírito. A criança, objeto das *Luzes*, receptáculo de seu saber, instrumento do progresso, torna-se fonte de uma iluminação; por sua natureza, ela reúne em si o começo e o fim; ela desborda o tempo histórico no que diz respeito à meta a atingir e ao ideal” (RENÈ , 2009 p-21-22)

A criança nascida das luzes carrega em si grandes mistérios, “*da a criança vem a luz, da criança que, à promessa, agrega a plena realização*”. (RENÈ , 2009 p-23)

Esse mistério criança tem sido enigma para o mundo adulto que precisou inventar um conceito para o fenômeno criança, assim produzimos sobre as crianças um saber adulto, pois perdemos nossa própria criança interior, a magia, o mistério se perde em função de uma lógica adulta ilusória: a incompletude está na criança, aliado ao sentimento de infância como passagem, ou seja, a infância passa logo e então surge o adulto pronto. Talvez essa ilusão derive do medo, medo do que as crianças são capazes, medo da potencia da infância, das verdades que são ocultadas pela razão adulta do “*eu sei, eu sou!*”

3.3 (parêntese) da incompletude humana...

Pensando na idéia que está posta academicamente de que a criança é um ser inacabado e o adulto por consequência é completo, peço licença para abrir um parêntese na discussão sobre a infância e trazer uma reflexão a cerca

do que é o ser humano. Para isso fez-se necessário ouvir a voz de um antropólogo .

Segundo Berger (1976) , diferente de outros animais o homem não nasce biologicamente completo, determinando um desenvolvimento orgânico submetido a uma contínua interferência socialmente determinada. Quer dizer: à medida que vai tendo o complemento do seu desenvolvimento orgânico, vai também sendo socialmente formado. Os mesmos processos sociais que determinam a constituição do organismo, produzem também o EU em sua forma particular. Assim esse EU não pode ser compreendido fora do contexto social onde foi formado.

O organismo humano não possui meios biológicos necessários para dar estabilidade à conduta humana, assim surge a Ordem Social, um produto do homem, uma progressiva criação humana, existindo unicamente a partir da atividade humana.

Então, o homem é por natureza incompleto, e para sanar essa incompletude ele precisa inventar, criar, e isso se dá coletivamente. O homem precisa do outro pra se constituir como ser, precisa do reconhecimento do outro. Quando nascemos, já somos falados, pois alguém nos nomeia nos classificam como macho, fêmea, então, somos colocados em um meio social já existente e é nesse meio que vamos construindo ao longo do tempo nossa identidade. É nesse contexto que nosso corpo vai sendo moldado pra agir de acordo com as normas, regras e símbolos, assim vamos internalizando em nós como o corpo deve agir, os gestos que fazemos, como nos tocamos, criamos estigmas,preconceitos. O corpo adquire uma linguagem própria e nem percebemos isso, prova maior é como enxergamos o outro.

O fato é que o ser humano não nasceu para o sozinho e precisa do outro pra sanar suas próprias limitações. Se constituir só, é se constituir em caos e escuridão. O outro é condição para nossa existência,somos nada sem o reconhecimento do outro. Sartre afirma que mesmo não havendo essência, para toda existência humana há uma condição: a priori, há um conjunto de limites que esboçam a situação no universo.

Assim é se relacionando com o outro que vamos criando possibilidades de movimento a fim de criarmos um novo corpo, com as marcas que nos deixam, com o que nos toca. Chegamos então no lugar do corpo como devir, da nossa incompletude nos pondo abertos para a vida em intensidade, sentindo, pensando e agindo com o outro para nos recriarmos. É preciso romper com a ideologia do “igual” e compartilhar as diferenças sabendo que a incompletude é para todo o tempo de existência.

3.4 Infância potência

Ouvi dizer que: A única coisa de que precisamos para sermos bons filósofos é a capacidade de nos admirarmos com as coisas. Visto que a experiência é exatamente essa potencialidade de nos admirarmos com as coisas que estão a nossa volta, perceber e valorizar o que temos num percurso sem previsão de chegada, o que nos toca, o que nos acontece. A criança potencializada de infância aparece como protagonista nessa capacidade de admiração.

“Todo mundo sabe que os bebês possuem essa capacidade. Depois de alguns meses na barriga da mãe, eles são empurrados para uma realidade completamente diferente. Mas , quando crescem, parece que esta capacidade vai desaparecendo. Como se explica isso? [...]

Vamos ver: se um bebezinho pudesse falar, na certa ele diria algumas coisas sobre o novo e estranho mundo a que chegou. Pois a pesar de a criança não saber falar, podemos ver como ela olha ao seu redor e quer tocar com curiosidade todos os objetos que vê.

Quando vêm as primeiras palavras, a criança para e diz: “Au!Au!” toda vez que vê um cachorro. Podemos ver como ela fica agitada dentro do carrinho e movimenta os bracinhos dizendo “Au, au,au!”. Para nós que já deixamos para trás alguns anos de nossas vidas, o entusiasmo da criança, pode parecer até um tanto exagerado. “Sim, sim, é um au-au”, dizemos nós, os “vividos” . “Mas agora fique quietinho”. Não ficamos muito entusiasmados, pois já vimos outros cachorros antes [...]

O triste de tudo isso é que, à medida que crescemos nos acostumamos não apenas com a lei da gravidade. Acostumamo-nos, ao mesmo tempo, com o mundo em si (GAARDER, 1995. p-27,28,29)

Tomando como protagonista essa infância que, sente estranha e admira, podemos dizer que a infância é o sujeito da experiência, pois carrega uma potência para a vida que não possuem os adultos, ou melhor, deixaram de ter por inúmeros motivos. Porém fazer uma distinção aqui se faz importante. Criança e infância podem se misturar, porém são distintas.

Segundo Freitas & Kulmann (2002), os conceitos de infância e criança se diferem, a infância é a concepção que os adultos têm em relação a este primeiro período da vida das crianças, e a criança é o sujeito que vive este primeiro período. A infância é então, é o sentimento, a travessia a passagem, o movimento, a transição, a possibilidade.

Estar infante é estar livre das amarras da razão moderna, é lançar-se ao movimento de vida, é estar sentindo. Rubem Alves em seu livro “Estórias para quem gosta de ensinar”, apresenta um texto com o título “Sobre o Saber e o Prazer” que traz a idéia de que o corpo e a inteligência se movem juntos, intensos, buscando estar no mundo, interagir com o mundo de forma natural, é então que ele traz a idéia que, “de fato, nada melhor que a dor para nos fazer recuperar o sentido das coisas que importam.” Ou seja, estar infante implica estar livre para produzir em função da vida.

Por que não deveria ser assim? A inteligência é filha do corpo, é função do corpo. Volta-se a sabedoria visceral de Nietzsche: “Um instrumento do seu corpo é também a sua pequena razão, meu irmão, que você dá o nome de ‘espírito’ – um pequeno instrumento e um brinquedo de sua Grande Razão...” (ALVES, R. 1987, p-20).

É neste sentido que propor a infância enquanto estado é conquistar o ‘espírito’ criança de Nietzsche (2008, p.39) “o espírito torna-se *criança* quando atinge esse valor: o de ser autotélico, criador livre e inocente, sem porquês nem para quês, isto é, desinteressado”.

3.5 Como estrelas na terra: O corpo adoecido na retirada da potencia infante

Retomando a idéia inicial das imagens produzidas pelas crianças, e aqui estamos destacando as des –focadas, ocorre que para um fotógrafo criar uma imagem com a intensidade de movimento apresentada nas ‘imagens desfocadas’ das crianças, existem inúmeras técnicas: câmeras especializadas, *photoshops*. Apesar disto, o que verificamos com as crianças, é que estas só precisaram do movimento do corpo, do clicar do botão e o desejo de brincar para produzir tais imagens. Pensando nessa questão, vemos que, ao passo que a sociedade nos molda, vamos nos “desinfantizando” e perdemos a “capacidade” de nos movimentar a ponto de apropriar-nos de recursos tecnológicos para substituir o que poderíamos fazer no movimento do corpo.

Hoje, quando falamos de corpo, depois de milênios de valorização da razão e do intelecto, vemos separação dessas duas partes, o corpo estético e a mente razão, o corpo separado da razão, um corpo idealizado.

A consequência deste processo é uma ampliação do mental em detrimento do corporal e o desenvolvimento de um autocontrole que deve moldar pulsões, sentimentos a afetos.

Privilegiam-se as faculdades intelectuais e a razão; separada do corpo, a mente deve construir um homem civilizado.(ALBUQUERQUE , L.M.B. 2005. Pg-5)

Ao longo da história, temos um trabalho intenso para a domesticação do corpo a docilidade e disciplinalização desse corpo que separado da razão precisa ser controlado segundo a razão, pois traz em si perigo nesse desajuste entre corpo e razão.

Para começarmos a olhar esse corpo como potencia de vida se movimentando junto com o pensamento, e chegarmos à raiz do adoecimento, é importante colocar como é que vemos os corpos na contemporaneidade. Hélia Borges faz uma separação clara nesse aspecto. Quando falamos de corpo o que no vem a mente é um corpo material, e quando falamos de saúde temos a idéia de órgãos silenciosos, homogêneos. O que nos faz pensar em senso

comum de que o corpo realmente está saudável quando tudo biologicamente está em ordem, parado, em silêncio. Esse pensamento então nos leva aos modos de controle já não só para o controle do corpo como material, mas no controle do desejo, do esvaziamento de composição, um corpo capturado, modulado, o controle do corpo/vida.

Assim para falarmos em corpo como potencia é preciso compreender o corpo como além do biológico, vivo, se movimentando, sentindo, experimentando, expandido no mundo, se relacionando com o mundo. Segundo BORGES (2009), é esse corpo que o modelo capitalista vai se apropriando, fazendo-nos não querer viver intensamente, se esvaziar do corpo intenso a ponto de anularmos o que somos e querer viver uma vida posta como modelo. Daí a raiz do adoecimento, estamos vazios de potencialidade, de criação, de liberdade para se relacionar corporal e mental com o mundo e as práticas educacionais refletem muito essa questão.

Masschelein (2008), alerta: é necessária uma educação do olhar no sentido de um convite a caminhar, pois somente um deslocamento do olhar nos permitirá a experiência - considerando a experiência como aquilo que nos coloca na essência das coisas. Seguindo esse olhar apresento por meio de imagens do filme Taare Zameen Par “Como estrelas na terra toda a criança é especial”(2007), a infância enquanto potência de criação.

O filme conta a história de uma criança, Ishaan Awasthi, de 9 anos, que sofre com dislexia e custa a ser compreendida. É possível perceber como o pequeno Ishaan Awasthi, no início da narrativa se encanta com as mínimas coisas: os estilhaços de vida nas pedras, os peixinhos recortando a água, a poça de lama escondendo as verdades aparentes.



Parece que o garoto vive em outro espaço/tempo, um tempo infância no qual é permitido se demorar a olhar, um espaço que os adultos diriam outro. Porém, Benjamin (1984 apud Bessa, 2006) acreditava que a criança reinventa suas relações com o mundo, por isso temos a impressão dela viver em um mundo a parte. Leite (2010, p.171) esclarece essa questão dizendo que a criança se organiza em “lógicas de outros tempos e outras razões”.





Posta em cena a escola na vida do pequeno menino, vemos sua admiração pela vida se esmorecer. Uma vez que a educação se apresenta no filme como uma instituição que objetiva tirar a criança da monstruosidade da infância e levá-la a uma completude de espírito, esta completude ligada à vida adulta e a construção da razão. Deste modo, chegamos à noção de devir, de vermos a criança como um ser inacabado, ou em processo de formação. Assim, o adulto é o dono da razão, um ser pronto, acabado, formado. Posto que Ishaam não se deixa moldar pela escola, fora transferido para um colégio interno, no qual as pequenas fagulhas de vida em seu ser se apagaram.



Na medida, em que o menino vai introjetando sua tristeza e desolamento seu corpo se mostra apático, esvaziado de potencialidade. Até mesmo as pinturas que tanto gostava de fazer, são deixadas para traz. Seu mundo fica preto e branco.





Aparece, neste momento, um professor substituto de Artes que em sua sensibilidade se permite olhar verdadeiramente para a educação dos meninos. Suas ações em sala de aula ecoavam pela escola, pois colocava seus alunos em um movimento de criação.



Este pensamento se evidencia no filme, na parte final, quando é organizado um concurso de pintura pelo professor substituto de artes, no qual

participam juntos crianças e adultos, todos se colocando em uma mesma lógica, em um estado de infância, que é a própria potência de criação.



É no concurso de pintura que o menino, já recuperado do adoecimento, se vê reconhecido pelo olhar atento e sensível do mestre. O professor pinta em sua tela o rosto em um belo sorriso do menino Ishaan.



4. IMAGENS PARA DES-FOCAR: ENTRE CORES, POEMAS E MÚSICA.

As borboletas

Branças

Azuis

Amarelas

E pretas

Brincam

Na luz

As belas

Borboletas

Borboletas brancas

São alegres e francas.

Borboletas azuis

Gostam muito de luz.

As amarelinhas

São tão bonitinhas!

E as pretas, então...

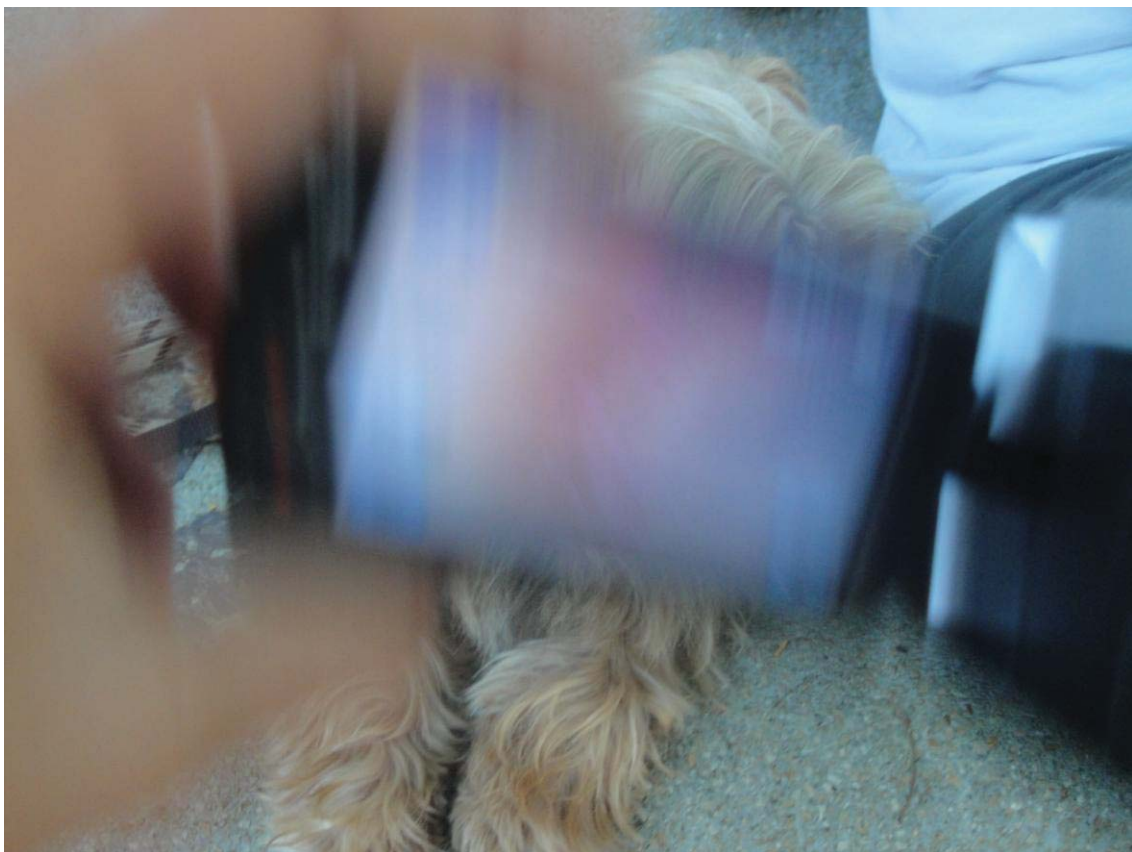
Oh, que escuridão! (Vinicius de Moraes)



Para a criança a cor não se reduz a uma simples impressão visual, mas afeta todos os sentidos: ela a aspira, respira, escuta, sorve, degusta [...]

A criança reveste a cor. A cor é um espetáculo, uma paisagem que a criança habita e com a qual se mistura. Ela habita a cor que a invade por todos os lados: de onde lhe vem esse poder? (RENNÈ, 2009 p- 110-11)





Estrada (Manuel Bandeira)

Esta estrada onde moro, entre duas voltas do caminho, Interessa mais que uma avenida urbana.

Nas cidades todas as pessoas se parecem. Todo o mundo é igual. todo o mundo é toda a gente.

Aqui, não: sente-se bem que cada um traz a sua alma. Cada criatura é única.

Até os cães. Estes cães da roça parecem homens de negócios: Andam sempre preocupados. E quanta gente vem e vai!

E tudo tem aquele caráter impressionante que faz meditar: Enterro a pé ou a carrocinha de leite puxada por um bodezinho manhoso.

Nem falta o murmúrio da água, para sugerir, pela voz dos símbolos,

Que a vida passa! que a vida passa! E que a mocidade vai acabar.



Verde –Negro (Manuel Bandeira)

dever

de ver

tudo verde

tudo negro

verde-negro

muito verde

muito negro

ver de dia

ver de noite

verde noite

negro dia

verde-negro

verdes vós

verem eles

virem eles

virdees vós

verem todos

tudo negro

tudo verde

verde-negro



Filosofia (Noel Rosa)

O mundo me condena, e ninguém tem pena

Falando sempre mal do meu nome

Deixando de saber se eu vou morrer de sede

Ou se vou morrer de fome

Mas a filosofia hoje me auxilia

A viver indiferente assim

Nesta prontidão sem fim

Vou fingindo que sou rico

Pra ninguém zombar de mim

Não me incomodo que você me diga

Que a sociedade é minha inimiga

Pois cantando neste mundo

Vivo escravo do meu samba, muito embora vagabundo

Quanto a você da aristocracia

Que tem dinheiro, mas não compra alegria

Há de viver eternamente sendo escrava dessa gente

Que cultiva hipocrisia



...NÃO TENHO CONCLUSÕES, TENHO POÉTICA...

Poética .(Manuel Bandeira)

Estou farto do lirismo comedido

Do lirismo bem comportado

*Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente
protocolo e manifestações de apreço ao Sr. diretor.*

*Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionário
o cunho vernáculo de um vocábulo.*

Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais

Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção

Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador

Político

Raquítico

Sifilítico

*De todo lirismo que capitula ao que quer que seja
fora de si mesmo*

De resto não é lirismo

*Será contabilidade tabela de co-senos secretário do amante
exemplar com cem modelos de cartas e as diferentes
maneiras de agradar às mulheres, etc*

Quero antes o lirismo dos loucos

O lirismo dos bêbedos

O lirismo difícil e pungente dos bêbedos

O lirismo dos clowns de Shakespeare

- *Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.*

-Não quero mais saber do lirismo que não é infante.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e História: destruição da experiência e origem da história.** Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2005.

ALBUQUERQUE, L.M.B. DE. **As invenções do corpo: modernidade e contramodernidade.** Revista Nures,n.1v.1, set/dez,2005(disponível em:www.puesp.br/revistanunes).

ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar.** São Paulo: Cortez Editora,1980.

ALVES, R. **Estórias de quem gosta de ensinar.** São Paulo: Cortez Editora,1987.

BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira.** 20. ed Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1993 .

BARROS, Manoel. **Memórias Inventadas.**São Paulo: Editora Planeta, 2008.

BENJAMIN, W. A doutrina das semelhanças. In:_____. **Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In:_____. **Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

BESSA, B. S. **As experiências de Walter Benjamin.** Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 05, número 09, 2006.

BORGES, Hélia Maria Oliveira da Costa. **Sobre o movimento. O Corpo e a Clínica.** 2009. 200 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva). Instituto de Medicina Social.

CARROL, Lewis.As aventuras de Alice no país das maravilhas & Através do espelho.Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

FREITAS, M. C. de; KUHLMANN M. Jr. Os intelectuais na história da infância.São Paulo: Cortez, 2002.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia: Romance da história da filosofia.** São Paulo:Companhia das Letras, 1995.

GAGNEBIN, Jeanne M. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história.** Rio de Janeiro. Ed. Imago, 1997 a.

KOHAN, W. Infância. **Entre educação e filosofia.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.

KRAMER, Sônia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. In:_____ **História social da infância no Brasil.** São Paulo-SP : Cortez,2001.

LARROSA, **Jorge.** **Notas sobre experiência e o saber de experiência.** Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada, em julho de 2001. Revista Brasileira de educação n. 19 Jan/Fev/Mar/Abr 2002.

LEITE, César D.P. **Experitempos de experinfâncias: re- cortes de montimagens de-formação.** Tese de livre docência, Departamento de educação, Universidade Estadual “Julho de Mesquita filho”. Rio Claro-SP: Editora UNESP, 2010.

LEITE, César D.P. **Labirinto: infância, linguagem e escola.** Taubaté, SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2007.

MASSCHEIN, J. **E-ducando o olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre.** Educação e Realidade. V. 33 (1). P. 35 – 48. Jan/Jun, 2008.

MORES, Vinicius . As borboletas. In: A arca de Noé. Rio de Janeiro: Olympio Editora: 1984

NIETZSCHE, F. Das três metamorfoses. In:_____. **Assim falava Zaratrusta: um livro para todos e para ninguém.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008..

RENÉ, Sherer. **Infantis: Charles Fourier e a infância par além das crianças.** Belo Horizonte: Aultêntica.2009.

ROLNIK, Suely. **Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico.** In: Plestra proferida no concurso para o cargo de Professor Titular da PUC-SP em 23.6.1993.

SILVA, Fernanda Lira. Percursos e travessias: os entornos de pesquisa, experiência e infância. In:_____. **Experiência audiovisual e infância: em busca do que escapa ao primeiro olhar**. 2011. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual “Júlio Mesquita Filho”, Rio Claro, 2011. UERJ. Rio de Janeiro 2009.

VALE. Renato . **Cultura de vidro: uma crítica à modernidade a partir da visão Benjaminiana**.

Música:

GERES Nuno. **Carne**. Album: Canção do chão para o ar. Setembro de 1987.

MORAES, Zélia. **Alice**: Album: A canção na pré escola- Amrelinha I. 1999.

ROSA, Noel. **Filosofia**. Album: Noel por Noel,2003

SUPLICY, João. **Vozes**: Compositor: PELLEGRINO, João . Album: Musiqueiro ,1999.

Filmes:

COLCHA de Retalhos . Direção Jocelyn Moorhouse. Produção: Laurie MacDonald Intérpretes: Winona Ryder, Anne Bancroft, Ellen Burstyn, Kate Nelligan, Alfre Woodard, Kate Capshaw, Adam Baldwin, Dermot Mulroney, Jean Simmons, Rip Torn, Jared Leto. Roteiro: Jane Anderson. E.U.A 1995.

TAARE Zameen Par. Direção Aamir Khan, Amole Gupte. Produção: Amole Gupte. Intérpretes:Darsheel Safary, Aamir Khan , Shankar Nikumbh, Tisca Chopra, Vipin Sharma , Sachet Engineer, Tanay Chheda, M.K. Raina. India,2007